

# Das escolas diferentes: um ensaio (historiográfico) sobre o setor litoral da Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

**Antonio Vicente Marafioti Garnica**  
[vqarnica@fc.unesp.br](mailto:vqarnica@fc.unesp.br)  
[0000-0003-0750-8483](tel:0000-0003-0750-8483)  
Universidade Estadual Paulista de  
Bauru.

**Silvana Matucheski**  
[silmatucheski@yahoo.com.br](mailto:silmatucheski@yahoo.com.br)  
[0000-0002-4427-8157](tel:0000-0002-4427-8157)  
Grupo História Oral e Educação  
Matemática - Ghoem

Este artigo apresenta, em linhas gerais, uma pesquisa de doutorado cujo tema é a criação e o desenvolvimento do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, considerando como diferenciado o Projeto Político Pedagógico desse Setor. Tendo natureza historiográfica, pretendeu-se conhecer o contexto da elaboração/implementação de tal proposta educacional e os modos como, com o passar do tempo, alguns dos aspectos da proposta inicial foram mantidos ou alterados. A História Oral foi a metodologia-base para este estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** UFPR-Litoral. História oral. História da educação. Formação de professores de ciências e matemática.

## INTRODUÇÃO

Dentre os projetos do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (Ghoem), um dos mais abrangentes é aquele cuja intenção é mapear a formação e a atuação de professores, no Brasil, de um ponto de vista histórico. Trata-se, certamente, de um projeto de grande envergadura e sempre em processo, posto que não há como finalizá-lo. Ao propor mapear a formação e a atuação de professores que ensinam, ou, ao longo do tempo, ensinaram Matemática, as pesquisas vinculadas a esse projeto têm chegado a resultados que ora dialogam entre si, ora se apartam, mas desses resultados todos, posto que a configuração que se busca é tênue, em processo, dinâmica e aberta, algumas compreensões têm sido possíveis. O cenário caótico das políticas educacionais do Brasil e o panorama, caracterizado pela diversidade, dos Cursos de Formação de Professores em suas várias modalidades, espalhados pelas diferentes regiões, criados em diferentes tempos, sob diferentes condições, e respondendo a fatores sócio-político e culturais muito distintos vão, assim, com esse Projeto de Mapeamento, sendo criados ao modo das figuras que se formam num caleidoscópio ou num mosaico com infinitas peças em eterno movimento que, tão logo se constituem, se desfazem, promovendo a criação de outras e novas figuras.

Inscreve-se nesta proposta do Mapeamento um subprojeto cuja intenção é estudar instituições escolares tidas como diferenciadas frente aos modelos-padrão vigentes em cada época. O adjetivo “diferenciadas” merece aprofundamento, o que seria impossível dadas as limitações impostas a esse texto. Podemos, entretanto, pensar como diferenciadas as propostas cuja configuração, cujo projeto e cujo funcionamento ficam marcados na memória coletiva como alternativos, “únicos”, ou mesmo estranhos frente aos demais projetos e instituições educacionais com os quais essas escolas “diferenciadas” convivem. Um exemplo desses projetos diferenciados são os Ginásios Vocacionais, criados no Estado de São Paulo nos anos de 1960 e logo extintos como decorrência de vários fatores, mas, em especial, da Ditadura. Eram as únicas instituições diferenciadas da época? Certamente não. As escolas experimentais – das quais, sob alguns aspectos, os Vocacionais se aproximam – são outro exemplo, contemporâneo a esses Ginásios. As chamadas Escolas Democráticas – como a de Hadera, em Israel, a Escola da Ponte, em Portugal, a Circle School americana, dentre outras – podem ser também exemplos do que chamamos de instituições escolares diferenciadas. Este artigo apresentará, de modo sintético, as compreensões a que chegamos ao estudar a criação e o desenvolvimento do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral) e uma breve descrição de sua configuração, que exporemos no corpo do texto, na sequência a essa introdução. Pensamos que isso será suficiente para incluirmos a UFPR Litoral nesse grupo das propostas diferenciadas, junto às demais escolas acima citadas.

O Projeto do Mapeamento – e por extensão os subprojetos que o compõem – têm natureza historiográfica. Isso implica esclarecer, ainda que brevemente, a concepção de História que sustentamos. A história, como a compreendemos, no rastro de Marc Bloch, é o estudo dos homens, vivendo em comunidade, no tempo. Ultrapassando a ideia anacrônica de que a História é o estudo do passado – posto que o passado não tem consistência ontológica e que, no máximo, podemos apenas afirmar que o passado é uma invenção que criamos e sustentamos no

presente –, a Historiografia, o registro do fluxo histórico, é feita das tentativas de se compreender como, com o passar do tempo, a partir dos resíduos que nos chegam, ocorrem alterações e manutenções nos objetos que estudamos, posto que no mundo, esse conjunto de significados produzidos no qual e com o qual interagimos, nada é permanente e imutável, nem mesmo estático. Assim, estudar a criação e o desenvolvimento do Setor Litoral da UFPR implica tentar compreender os modos como essa proposta educacional, criada em 2004, vem se desenvolvendo em meio a tensões que ora implicam manutenções, ora implicam alterações. Compreender esses modos, por sua vez, implica produzir significados a uma série de elementos. As compreensões a que chegamos estão lastreadas por documentos, visitas, entrevistas, imagens. Todas as fontes são bem vindas se elas nos permitirem atribuir significados, e todas as fontes devem ser exaustivamente buscadas, posto que não se pode, no fazer historiográfico, nem atribuir qualquer significado (o que seria irresponsabilidade), nem buscar um significado verdadeiro (o que é uma ilusão): trata-se de atribuir significados plausíveis, e a plausibilidade – ao contrário do que seria a verdade – vem da negociação contínua e constante entre pontos de vista, vem da problematização. Busca-se, segundo essa concepção de História, não a versão verdadeira, mas as verdades das várias versões.

Um último ponto deve ser considerado nesta Introdução: o método. Na proposta de Mapeamento, na qual se inscreve esse projeto sobre a UFPR-Litoral, vários métodos podem ser mobilizados. Entretanto, a quase totalidade dos nossos exercícios de pesquisa nesse conjunto de produções tem tomado como método a História Oral. Ao contrário do que se pensa usualmente, não necessariamente a metodologia da História Oral é usada para desenvolver projetos historiográficos em sentido estrito. Convém explicar: com a História Oral criamos fontes. Essas fontes são resultantes de entrevistas que fazemos com pessoas cuja experiência nos parece ser significativa em relação ao objeto que tematizamos. Essas fontes são, obviamente, fontes historiográficas, já que elas registram as memórias de depoentes sobre certas situações e sob certas condições, em e sobre determinado tempo-espaço. Mas essas fontes não necessariamente precisam ser utilizadas para desenvolver projetos historiográficos, ou seja, projetos em que se tem como intenção entender os modos como determinadas “realidades” vão se transformando – mantendo aspectos e alterando aspectos – ao longo do tempo. No caso desse projeto sobre a UFPR Litoral, nossa metodologia foi a História Oral e ela foi usada para criar fontes historiográficas num projeto de natureza historiográfica. Porém, dada a natureza ecumênica da História Oral – que motiva o diálogo entre várias abordagens de diferentes campos de conhecimento –, e dada a natureza democrática da História Oral – que com um mínimo de recursos pode ser praticada por diferentes agentes, atendendo às mais diversas perspectivas –, ela vem sendo mobilizada por grupos das mais distintas matizes. Por exemplo, por comunidades de bairro que querem registrar as memórias das famílias que ali viveram; por profissionais que desejam conhecer determinado tema sem necessariamente se voltar a conhecer a história desse tema; por cientistas sociais, por historiadores, por agentes culturais interessados em criar obras teatrais, novelas, canções etc., e por educadores matemáticos que pretendem criar uma versão histórica plausível de determinadas instituições e as práticas que nelas ocorreram, ou mesmo conhecer práticas de ensino para discuti-las nas salas de aula de cursos de Licenciatura, por exemplo. Ou seja, ainda que a Historiografia

faça parte do cenário das pesquisas que se valem da História Oral, não necessariamente essas pesquisas são, estritamente falando, historiográficas. Uma breve síntese do modo como a História Oral foi mobilizada para esta pesquisa sobre o Setor Litoral da UFPR faz parte do corpo deste artigo.

## A UFPR LITORAL<sup>1</sup>

Na década de dois mil as políticas de democratização e expansão da educação superior brasileira contribuíram para a criação de novas universidades federais e de novos *Campi*. Uma justificativa para levar universidades a locais relativamente afastados dos grandes centros era a de que “a interiorização da oferta da educação superior é essencial para combater o desequilíbrio regional e atingir estudantes sem condições de se deslocar para outras regiões” (BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [2015?], p. 20). Além disso, acreditava-se que as novas universidades contribuiriam com o desenvolvimento dos municípios que receberiam essas instituições, dada a demanda criada pelo aumento populacional decorrente da vinda de docentes, técnicos e, em muitos casos, discentes de municípios vizinhos (BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [2015?]).

Foi nesse cenário nacional que o *Campus do Litoral* da Universidade Federal do Paraná (UFPR), desde muito cedo conhecido como UFPR Litoral, foi criado no ano de 2004, e institucionalizado como Setor Litoral da UFPR em 2007<sup>2</sup>. Esse *Campus* da UFPR tem sede no município de Matinhos, mas também desenvolve atividades em outras cidades do litoral do Paraná<sup>3</sup> – que era considerado “uma região geográfica desacreditada historicamente e com grande debilidade econômica” (UFPR LITORAL, 2008a, p. 1). Vale ressaltar que o cenário político paranaense desse período também contribuiu para que o projeto da UFPR Litoral fosse implementado, pois o então governador paranaense, Roberto Requião, almejava ampliar o acesso à educação superior, principalmente em locais desfavorecidos economicamente (FAGUNDES, 2009, p. 133).

Uma aproximação ao Setor Litoral da UFPR necessariamente implica atentar para a Universidade Federal do Paraná. No início da década de 2000 houve eleições para a reitoria da UFPR e o professor Valdo José Cavallet<sup>4</sup> foi convidado para compor a chapa que tinha o professor Carlos Moreira Júnior<sup>5</sup> como candidato a reitor. Com esse convite, firmou-se um acordo segundo o qual se Moreira Jr. vencesse as eleições, Valdo Cavallet poderia elaborar um projeto educacional que seria implementado com o apoio do reitor. A chapa foi vitoriosa e o professor Valdo começou a esboçar um projeto educacional para o Vale do Ribeira paranaense. No entanto, por algumas questões políticas intervenientes, o projeto

<sup>1</sup> A fim de evitar repetições, assumimos aqui que esta seção do texto foi escrita a partir das textualizações das entrevistas disponíveis em Matucheski (2016)

<sup>2</sup> A Resolução n. 39/04 do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná (UFPR) criou o *Campus* do Litoral da UFPR e a Resolução n. 121/07 do Conselho Universitário da UFPR criou a Unidade Setorial Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR LITORAL, 2008).

<sup>3</sup> O litoral paranaense é composto pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

<sup>4</sup> Valdo José Cavallet. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Setor Litoral da UFPR. Em março de 2006 foi designado, pelo reitor da UFPR, Carlos Augusto Moreira Júnior, para responder interinamente pela UFPR Litoral. Foi diretor da UFPR Litoral na Gestão 2008-2012 e também na Gestão 2012-2016.

<sup>5</sup> Carlos Augusto Moreira Júnior. Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor da UFPR. Foi reitor da UFPR no período de 29/04/2002 a 03/04/2008.

foi implantado em Matinhos. Cabe destacar que tudo isso aconteceu cerca de dez anos antes do centenário da UFPR<sup>6</sup>, ou seja, uma boa oportunidade para se apresentar um modelo diferenciado de ensino superior em terras paranaenses<sup>7</sup>.

Desse modo, as circunstâncias políticas, em várias esferas, eram favoráveis à criação da UFPR Litoral. Os governos federal, estadual, bem como administrações municipais (do litoral paranaense) e a universidade se uniram e, juntos, apoiaram a ideia de levar a UFPR ao litoral do Paraná. Para que isso fosse possível, o governo federal responsabilizou-se por liberar recursos e autorizar a abertura de vagas para compor o quadro de funcionários do novo *Campus*; o governo do estado do Paraná comprometeu-se não só com a reforma e posterior cessão de um prédio – uma antiga colônia de férias do Banestado – para que nele fossem desenvolvidas as atividades acadêmicas da UFPR Litoral, mas também por liberar recursos para biblioteca e laboratórios; e a prefeitura municipal de Matinhos, por sua vez, contribuiria com as despesas de limpeza e segurança do prédio (UFPR LITORAL, 2008b). No entanto, com o passar do tempo e com as mudanças políticas nos âmbitos estadual e municipal, compromissos se desmantelaram e as despesas do Setor Litoral da UFPR passaram a ser custeadas apenas pelo governo federal.

Apesar dessas – e de outras – alterações políticas que envolvem o Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, ainda encontramos professores e estudantes bastante entusiasmados com seu projeto educacional. É importante ressaltar que o Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como outros documentos da UFPR Litoral, foram elaborados enquanto os primeiros cursos já estavam em funcionamento. Ou seja, não havia um documento prévio específico que servisse de apoio às atividades acadêmicas. Professores e gestores do *Campus* discutiam o que ocorria na universidade e, a partir disso, elaboravam documentos norteadores dos cursos, atentos também à realidade local e às reais necessidades da comunidade litorânea paranaense. Isso aconteceu porque o PPP da UFPR Litoral

[...]toma como princípio a reflexão acerca da realidade concreta do lugar, como fonte primeira, para, em diálogo com o conhecimento sistematizado, tecer a organização curricular e o desenvolvimento de projetos que devem partir dos alunos e envolver os professores e a comunidade (UFPR LITORAL, 2008a, p. 6).

Cabe destacar que a organização curricular da UFPR Litoral é peculiar. Sua proposta pedagógica é composta por três espaços curriculares de aprendizagem: Projetos de Aprendizagem; Interações Culturais e Humanísticas; e Fundamentos Teórico-Práticos. Consideramos que esses espaços curriculares têm características singulares que os diferenciam substancialmente de outras propostas universitárias brasileiras.

Os Projetos de Aprendizagem (PA) constituem um espaço curricular em que os estudantes são – ou deveriam ser – incentivados a estudar assuntos de seus

<sup>6</sup> Algumas pessoas consideram a UFPR a universidade mais antiga do Brasil, tendo completado seu centenário em 2012. Mais informações sobre a história da UFPR estão disponíveis em Wachowicz (2006), Burmester (2002), Baranow e Siqueira (2007), Siqueira (2012) e Matucheski (2016).

<sup>7</sup> Entendemos que cada escola é singular e, por isso, diferente de todas as outras escolas. O que ressaltamos com a palavra diferenciado é que o projeto educacional da UFPR Litoral é bastante distinto do modelo padrão das instituições brasileiras de ensino superior. A organização e a estrutura do Setor Litoral são diferenciadas, inclusive, em relação aos outros setores da UFPR, o que será destacado no decorrer deste texto.

interesses, independentemente daqueles estudados nos cursos de graduação aos quais estão vinculados. Para acompanhar os PA, os estudantes convidam professores do Setor Litoral que podem ou não estar ligados às câmaras<sup>8</sup> dos seus cursos. Esses PA podem ser desenvolvidos individualmente, em duplas ou, ocasionalmente, em trios. Nos últimos casos, é possível que estudantes de cursos diferentes, e em etapas distintas de seus respectivos cursos, desenvolvam projetos juntos – o que permite que os PA sejam trabalhados de modo interdisciplinar. O tempo de duração de cada projeto é determinado pelo estudante em parceria com seu/sua professor/a mediador/a – desse modo, um PA pode durar dois meses ou quatro anos; não há regra quanto a isso. A fim de ilustrar a grande gama de temas que podem ser trabalhados nesse espaço, citamos alguns temas de Projetos de Aprendizagem que já foram (ou que estão sendo) desenvolvidos na UFPR Litoral: alimentação, artesanato, sustentabilidade, castração canina, criação de abelhas sem ferrão, educação ambiental, plantas medicinais, uso de jogos no Ensino de Ciências, transtornos de aprendizagem, e violência doméstica<sup>9</sup>.

No espaço das Interações Culturais e Humanísticas (ICH) os estudantes da UFPR Litoral são convidados a participar de encontros semanais que abordam temas de interesse de grupos de estudantes. Nas ICH há a possibilidade de reunirem-se acadêmicos de diversos cursos e em diferentes etapas de seus cursos – ou seja, calouros e formandos podem compartilhar o mesmo ambiente de discussão e de produção de conhecimentos. Além disso, pessoas da comunidade, que estejam envolvidas em projetos de extensão da UFPR Litoral, também podem participar desse espaço curricular. Cada atividade de ICH tem um docente responsável por acompanhar os encontros e cuidar da burocracia acadêmica. No entanto, as atividades também podem ser conduzidas por estudantes e/ou por pessoas da comunidade – sempre com a supervisão do/da docente responsável. Em alguns casos, as atividades de ICH acontecem para além dos muros da UFPR Litoral, sendo possível, inclusive, que aconteçam em outros municípios do litoral paranaense. Os temas dessas atividades – como ocorre também no caso dos PA – são bastante variados: artesanato, astronomia, cinema, comunicação, educação, esportes, filosofia, municípios do litoral paranaense, música, saúde, entre tantos outros<sup>10</sup>.

O espaço dos Fundamentos Teórico-Práticos (FTP) tem a incumbência de atender às diretrizes curriculares de cada curso da UFPR Litoral, além de propiciar discussões acerca de temas dos Projetos de Aprendizagem. Desse modo, esse espaço fica mais restrito a cada curso, pois precisa atender suas demandas específicas. No entanto, alguns cursos do Setor Litoral da UFPR trabalham com projetos nesse espaço curricular e, por isso, há grandes possibilidades de serem desenvolvidas atividades de modo interdisciplinar mesmo nos FTP. Cabe registrar que nesse espaço é possível trabalhar com docência compartilhada, ou seja, dois ou três professores podem atuar simultaneamente em um módulo semestral com uma única turma – esse tipo de trabalho acontece, por exemplo, no curso de

<sup>8</sup> As Câmaras Pedagógicas de Curso são os órgãos deliberativos e consultivos responsáveis, como primeira instância, dos cursos de graduação do Setor Litoral da UFPR.

<sup>9</sup> Os interessados em conhecer os temas dos Projetos de Aprendizagem em desenvolvimento na UFPR Litoral, podem acessar a listagem dos PA em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/05/PAs-listagem.pdf>.

<sup>10</sup> Os interessados em conhecer temas das ICH que oferecidas na UFPR Litoral podem acessar as listagens de ICH de 2017 em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/03/Turmas-ICH-2017-1-1.pdf> e [http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/07/DIVULGA\\_FINAL\\_2017-2.pdf](http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/07/DIVULGA_FINAL_2017-2.pdf).

Licenciatura em Ciências. Apesar de parecer um espaço semelhante às disciplinas que encontramos em outras escolas e universidades, cabe dizer que os FTP podem acontecer para além do espaço físico do Setor Litoral. Um exemplo disso é o projeto desenvolvido por três professores da UFPR Litoral e por estudantes da Licenciatura em Ciências no ambiente do Colégio Sertãozinho desde que foi firmada uma parceria entre essa escola e a UFPR Litoral. Assim, licenciandos passam a vivenciar o ambiente escolar para além do espaço do estágio supervisionado<sup>11</sup>.

Convém observar que todos os cursos do Setor Litoral da UFPR estão organizados desse modo, ou seja, todos os cursos são compostos pelos três espaços curriculares. Isso exigiu que houvesse um *horário* único para todos os estudantes. Nos últimos anos, a organização semanal dos cursos da UFPR Litoral tem sido a seguinte: segunda-feira – FTP; terça-feira – FTP; quarta-feira – ICH; quinta-feira – FTP; sexta-feira – PA. Essa organização se faz necessária para que a participação de estudantes de diversos cursos – e de diferentes etapas em cada curso – seja garantida tanto nas atividades de ICH como nas atividades de mediação e de desenvolvimento de PA.

Apresentamos aqui um panorama geral sobre os três espaços curriculares da UFPR Litoral, mas é necessário registrar que muitas outras coisas acontecem nesses (e atravessam esses) espaços. Mesmo que escrevamos outros textos, ainda será impossível tratar de toda a pluralidade de ações e intervenções em que essas atividades têm se desdobrado no litoral paranaense nos últimos anos. Dito isso, passaremos a considerar alguns aspectos idiossincráticos da UFPR Litoral no que se refere aos processos de gestão.

Em seus primeiros anos de funcionamento, a UFPR Litoral contava com uma gestão diferenciada: todos podiam participar das reuniões de Conselho – que, assim, além de deliberar sobre os caminhos que seriam trilhados pelo novo *Campus* da UFPR, funcionavam também como um importante espaço de formação (para docentes e discentes). Nessas reuniões de Conselho havia lugar para discussões sobre questões pedagógicas, contemplando aspectos relativos aos três espaços curriculares anteriormente apresentados. Vale lembrar que os professores do Setor Litoral não receberam formação específica para trabalhar em um projeto educacional tão diferenciado. Desse modo, esses profissionais, muitas vezes, sentiam necessidade de discutir suas práticas, para que pudessem encontrar modos de trabalhar com os estudantes nos diversos cursos e também para que pudessem elaborar os projetos pedagógicos dos cursos e o próprio PPP do Setor Litoral.

É pertinente registrar ainda que quando os professores chegavam à UFPR Litoral eles eram convidados a participar de duas câmaras pedagógicas de curso: uma delas próxima à sua área de formação acadêmica e a outra, preferencialmente, menos familiar à sua formação, mais distante da sua especialidade. Com isso, esperava-se incentivar o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, promovendo uma formação emancipatória que não ficasse restrita a uma única área do conhecimento. Semanalmente, os docentes participavam de reuniões de câmaras em que se discutiam diversos assuntos

---

<sup>11</sup> Mais informações sobre essa atividade de Fundamentos Teórico-Práticos estão disponíveis em Matucheski (2016).

referentes aos cursos – incluindo, reitera-se, as questões pedagógicas. Entretanto, quando a demanda de trabalho começou a se intensificar, muitos professores passaram a se dedicar a uma única Câmara – mesmo atuando, eventualmente, em dois ou mais cursos do Setor Litoral.

Além disso, com o passar do tempo, as reuniões de Conselho e de Câmara sofreram alterações significativas. Docentes afirmam que essas reuniões passaram a ser mais burocráticas, e que as discussões pedagógicas perderam espaço. No caso das reuniões de Conselho, as mudanças ocorreram depois que o Regimento Setorial foi aprovado – um Regimento que não agradou a muitos que constituem/constituíam a UFPR Litoral. Com o Regimento, o Conselho Setorial passou a ser representativo – como usualmente ocorre no panorama das instituições universitárias – e houve certo esvaziamento desse espaço, pois, atualmente, apenas os representantes participam das reuniões. Já as alterações nas reuniões de Câmara podem ser entendidas de modos diversos e essas alterações com o correr do tempo são justificadas tanto pela forma como cada coordenador/a organiza as reuniões, pelas demandas do curso e/ou da universidade, e mesmo pelas demandas do corpo docente.

Essas mudanças no âmbito da gestão afetaram também – e de modo direto – os espaços curriculares da UFPR Litoral. Com a justificativa de garantir a continuidade desses espaços diferenciados, houve propostas de normatizações mais rigorosas, menos flexíveis. Uma dessas propostas diz respeito às ICH: no início, os estudantes tinham um período de mobilidade no início de cada semestre e podiam circular entre diversas atividades de ICH antes de optarem por uma delas. Assim, além de conhecer as propostas iniciais das ICH, os estudantes discutiam os encaminhamentos de cada grupo e, nesse processo, escolhiam a atividade de ICH de que participariam. Atualmente, os estudantes precisam efetuar a matrícula em ICH antes que o semestre letivo se inicie (como ocorre usualmente em instituições que mantêm cursos de graduação). Embora alguns gestores e docentes defendam que não houve mudança substancial no processo – pois os estudantes podem se reunir em outros momentos para discutir as propostas iniciais –, entendemos que isso alterou o processo democrático de escolha das atividades de ICH, dado que se perdeu a possibilidade de discussão sobre os temas e as estruturas de cada ICH antes de se optar por uma atividade específica nesse espaço.

Mas as ICH não foram as únicas atingidas pela normatização. No âmbito dos PA podemos apontar uma mudança quanto à mostra dos Projetos de Aprendizagem: recentemente a mostra de PA passou a ser organizada por curso, limitando o caráter interdisciplinar desse espaço. Ainda sobre essa normatização, registra-se que os espaços FTP passaram a comportar uma ordenação linear dos módulos durante o curso – o que antes, ao menos na Licenciatura em Ciências, não existia e que, inexistente, possibilitava a cada turma traçar um caminho diferente pelos módulos, desde que a turma cursasse todos os módulos previstos para o curso. A partir do momento que os módulos passam a ser ordenados linearmente, as turmas perdem autonomia quanto à construção de seus currículos.

Compreendemos que a imposição de normatizações, que forçam a aproximação da proposta da UFPR Litoral aos programas usualmente desenvolvidos pelas instituições superiores, e que são fundadas numa pretensa homogeneidade apoiada pelo discurso do “sempre foi assim” ou “é usual que seja

assim” que se torna o discurso do “tem que ser assim”, pois “é melhor que seja assim”, contribui para que essa proposta educacional siga se desconfigurando homeopaticamente, sofrendo um acelerado processo de pasteurização.

## A PESQUISA

Nossa primeira intenção de pesquisa<sup>12</sup> era estudar algum projeto de ensino diferenciado que tivesse sido desenvolvido ou que estivesse em desenvolvimento no Estado do Paraná. Em princípio pensava-se na Educação Básica como cenário de investigação para que as relações com o ensino de Matemática fossem mais evidentes. No entanto, durante a elaboração do projeto de pesquisa, passamos a pensar no estudo da proposta educacional da UFPR Litoral já que, a partir dele, poderíamos nos aproximar da problematização sobre a formação de professores que ensinam Matemática. A partir daí, compreendemos e assumimos que a proposta educacional diferenciada seria o nosso foco de pesquisa e, desse modo, o objetivo da nossa pesquisa passou a ser estudar a implementação de uma proposta pedagógica diferenciada (no caso, o da UFPR Litoral), bem como registrar o modo como seus agentes (no caso, professores e gestores do Setor Litoral) têm se apropriado de tal proposta.

Apesar de, anteriormente ao início da investigação, já termos ouvido relatos sobre a dinâmica da UFPR Litoral – seja através de colegas, seja por termos realizado uma visita a esse Campus durante o curso de mestrado –, percebemos que apenas a leitura dos documentos do Setor Litoral não bastaria para sanar nossas dúvidas sobre os três espaços curriculares da UFPR Litoral e sobre o seu funcionamento de modo geral. Sentíamos a necessidade de uma aproximação mais efetiva daquela proposta, e pensamos na possibilidade de vivenciar, de algum modo, aqueles espaços curriculares e os ambientes que constituem o Setor Litoral. Assim, em 2013, entramos em contato com a direção daquela unidade da UFPR e obtivemos autorização para visitar o *Campus* e acompanhar algumas atividades com docentes e discentes. Além disso, agendamos conversas com o professor Valdo, então diretor do Setor Litoral, e com alguns docentes da Instituição. Essa visita viabilizou a participação/observação nos/dos três espaços curriculares da UFPR Litoral. Naquela ocasião, foi possível acompanhar uma atividade de FTP do curso de Licenciatura em Ciências, um encontro de mediação de PA, e cinco atividades distintas de ICH – uma delas, inclusive, ocorria em outro município do litoral paranaense e contava com a participação de pessoas da comunidade local. Naquela oportunidade, também foi possível conversar com discentes e docentes durante as refeições, realizadas no Restaurante Universitário, e de entrar em contato, de modo direto, com o entorno do *Campus* e com alguns moradores da região litorânea.

Essa visita foi fundamental para uma aproximação em relação a essa proposta educacional e ao contexto – sócio-político e geográfico – no qual ela opera. A partir dessa visita, nossos contatos com os docentes foram estreitados e isso nos ajudou a agendar as entrevistas que pretendíamos realizar. A visita também nos auxiliou na elaboração dos roteiros de entrevistas, pois percebemos que, dada a amplitude

---

<sup>12</sup> A pesquisa foi desenvolvida durante o doutoramento da primeira autora deste texto e orientada pelo segundo autor. Este estudo contou com auxílio financeiro da Capes.

das possibilidades de compreensões sobre a UFPR Litoral, era importante pensarmos em questões que permitissem aos colaboradores da pesquisa falarem o mais livremente possível sobre suas experiências/vivências nos diversos cursos, e, ainda, registrarem como viam cada espaço curricular e a proposta educacional como um todo.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, com doze professores da UFPR Litoral – um deles o coordenador pedagógico do Setor Litoral. Apenas o áudio das entrevistas foi gravado, pois entendemos que, nesse caso, isso seria suficiente para nosso trabalho em História Oral. Essas doze entrevistas foram realizadas em cinco dias consecutivos e totalizaram cerca de 20 horas de gravação, transcritas integralmente. Após o trabalho de transcrição de cada entrevista, iniciava-se o processo de textualização do material – suprimindo falas da pesquisadora e alguns vícios de linguagem dos colaboradores, por exemplo; e também inserindo notas de rodapé quando julgávamos necessário complementar informações, tais como nomes e datas, entre outros. Finalizado o trabalho de revisão das doze textualizações, enviamos o material para que os colaboradores pudessem ler as narrativas e fizessem as alterações que julgassem necessárias para, ao final desse processo de produção de fontes, autorizassem o uso e a publicação desse material. Todos os professores colaboradores assinaram as cartas de cessão e, assim, todas as entrevistas puderam ser disponibilizadas integralmente na tese.

Concluído esse trabalho com as narrativas dos colaboradores da pesquisa, passamos a pensar na estrutura da tese. Decidimos organizar o material em duas partes: a primeira delas com as textualizações das entrevistas e algumas narrativas da autora da tese, nas quais ficaram registradas algumas questões que inquietaram a pesquisadora durante o desenvolvimento da pesquisa; a segunda parte contém textos, elaborados depois do exame de qualificação, sobre o litoral paranaense, a história da UFPR Litoral, as apropriações da proposta educacional da UFPR Litoral, as mudanças no projeto educacional do Setor Litoral, a formação e a atuação de professores de Ciências; e um último texto retomando panoramicamente as questões discutidas em todo o trabalho.

Julgamos que a metodologia da História Oral, como ela vem sendo praticada pelo Ghoem, nos ajudou a lançar olhares para diversas questões que envolvem a UFPR Litoral – bem como sobre a formação de professores, de um modo geral – e, particularmente, para os modos com que têm sido alteradas, ao longo dos anos, as disposições iniciais desse projeto. Tendo investigado uma proposta educacional em plena vigência, acreditamos que a História Oral contribuiu para que tratássemos do tema com certa sensibilidade, de um modo que vai além dos documentos escritos e que considera nuances do tempo presente, podendo, assim, contribuir com as discussões daquela instituição sobre sua história e seus destinos.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Há décadas a educação brasileira vem sendo duramente criticada nos mais diversos setores da sociedade. Muitos afirmam que é preciso fazer algo diferente, pois a escola está fadada ao fracasso, ignorando, porém, projetos – do presente ou do passado – que, de forma diferenciada, foram propostos e desenvolvidos,

podendo então servir como exemplos modelares para discussões que, com a intenção de propor o novo, não negligenciam o já existente.

A pesquisa que apresentamos, em linhas gerais, neste artigo, trouxe fortes indícios de que a política externa e interna à UFPR afeta diretamente a proposta educacional da UFPR Litoral. A criação da Instituição, por exemplo, foi favorecida pelos arranjos políticos que, na primeira metade da década de 2000, viabilizaram parcerias entre governos municipais, estadual e federal. Além disso, a política de expansão do Ensino Superior garantiu recursos próprios que facilitavam algumas das atividades iniciais do então novo *Campus* da UFPR. No entanto, os anos se passaram e as mudanças políticas ocorridas em diferentes esferas fizeram com que parcerias fossem rompidas e que o Setor Litoral passasse a depender financeiramente da UFPR, o que implicou limitações consideráveis no dia-a-dia da nova Unidade – um exemplo disso é o transporte dos alunos para algumas atividades acadêmicas: antes o *Campus* contava com uma frota própria e os assuntos relativos ao transporte eram administrados por funcionários lotados em Matinhos; atualmente, o transporte é gerido por funcionários lotados em Curitiba e que, não raras vezes, desconhecem e/ou não compreendem as demandas do Setor Litoral da UFPR. Percebemos aqui que a instabilidade nas diferentes esferas políticas interfere diretamente no funcionamento de escolas e universidades brasileiras. O recorrente processo de descontinuidade na área educacional, ocasionado pelos ventos das políticas de governo, está, de modo impressionante, marcado na história do Setor Litoral da UFPR.

Outra questão fortemente presente, por nós perceptível a partir da pesquisa realizada, diz respeito à formação continuada dos docentes da UFPR Litoral. A maioria dos colaboradores da pesquisa compreende que as mudanças ocorridas nas reuniões de Câmaras e de Conselho – em virtude da aprovação do Regimento Setorial – prejudicaram os espaços de discussão no Setor Litoral. As reuniões, antes tidas como momentos de formação – principalmente por possibilitarem o diálogo sobre questões pedagógicas –, passaram a tratar predominantemente de assuntos burocráticos. Além disso, o aumento expressivo na demanda de trabalho e o conseqüente aumento do número de docentes e de técnicos no Setor Litoral têm dificultado a organização de momentos de formação continuada que envolvam todos os servidores do *Campus* em um mesmo ambiente.

Acreditamos que os momentos de formação continuada voltados aos servidores da UFPR Litoral, nos primeiros semestres de funcionamento do Campus, contribuíram de modo singular para a compreensão da essência do projeto educacional da UFPR Litoral. Esses momentos de formação parecem ter sido fundamentais para que os servidores elaborassem argumentos favoráveis ou contrários à proposta, contribuindo para que os pontos vulneráveis pudessem ser estudados, repensados e/ou reelaborados a partir dos debates disparados em momentos de formação. Entendemos que esse ambiente de discussão possibilitava, ainda, um importante exercício democrático a todos os envolvidos.

É importante ressaltar que, com o passar do tempo, pelo menos dois grupos se constituíram no Setor Litoral: um deles formado pelas pessoas que sustentam o apoio – quase incondicional – à proposta da UFPR Litoral; o outro composto pelas pessoas que parecem não acreditar fortemente na viabilidade da proposta ou têm como premente sua revisão de modo a alterar, de modo radical, alguns de seus

pontos-base. Esse último grupo tem se fortalecido nos últimos anos e o movimento de resistência pode ter contribuído de modo substancial para a efetivação de algumas mudanças – algumas das quais citadas anteriormente neste artigo – ocorridas no Setor Litoral.

Consideramos ainda que a vinculação da UFPR Litoral à UFPR tem engessado as possibilidades de um projeto educacional diferenciado, pois o Setor Litoral tem sido duramente submetido às mesmas regras da UFPR – que é uma universidade visivelmente influente, mas que, dada sua longa história, é tendencialmente conservadora e com características extremamente distintas daquele seu Setor. Assim, o projeto educacional da UFPR Litoral tem sobrevivido entre tensões, e vem perdendo suas características iniciais, boa parte, em virtude dos processos de burocratização do ambiente acadêmico. Acreditamos que cada ação que afeta a estrutura inicial da UFPR Litoral contribui para que a Instituição se aproxime do modelo predominante nas escolas brasileiras de ensino superior.

# Some remarks on differentiated schools: an historiographical essay about the setor litoral of Paraná Federal University

## ABSTRACT

This paper has as its main intention to present the findings of a doctoral thesis in which the main theme is a specific educational institution called Setor Litoral, a section of the Paraná Federal University (Brazil). Such school was chosen as our main object for its Pedagogical Proposal being known as positively differentiated among the Brazilian universities and courses. Our approach was an historic one: we intend to understand how changes were taking place after the creation (in 2004) and during the development of that educational proposal. Oral History was the main methodological approach of the study here presented in its general features.

**KEYWORDS:** Setor Litoral – Paraná Federal University. Oral history. History of education in Brazil. Math and science teachers formation.

## REFERÊNCIAS

BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A democratização e expansão da educação superior no país: 2003-2014**. Brasília, [2015?].

BARANOW, U. G.; SIQUEIRA, M. D. (orgs) **Universidade Federal do Paraná: histórias e estórias**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

BURMESTER, A. M. O. (org) **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

FAGUNDES, M. C. V. **Universidade e Projeto Político Pedagógico: diálogos possíveis fomentando formações emancipatórias**. 2009. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

**Interações Culturais e Humanísticas**. Disponível em:  
<[http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/07/DIVULGA\\_FINAL\\_2017-2.pdf](http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/07/DIVULGA_FINAL_2017-2.pdf)>. Acesso em 17/07/2017.

MATUCHESKI, S. **Diferenciação e padronização: um estudo sobre o Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná**. 2016. 458 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

**Projetos de Aprendizagem – por curso**. Disponível em:  
<<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/05/PAS-listagem.pdf>>. Acesso em 17/07/2017.

SIQUEIRA, M. D. **Universidade Federal do Paraná: 100 anos**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

**Turmas-ICH-2017-1**. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/03/Turmas-ICH-2017-1-1.pdf>>. Acesso em: 17/07/2017.

UFPR LITORAL. **Projeto Político Pedagógico**. Matinhos, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Trajetória da implantação da UFPR Litoral**. Matinhos, 2008b.

WACHOWICZ, R. C. **Universidade do Mate: história da UFPR**. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

**Recebido:** Dezembro de 2017

**Aprovado:** Junho de 2018

**DOI:** 10.3895/rbect.v11n2.8429

**Como citar:** GARNICA, A. V. M.; MATUCHESKI, S. Das escolas diferentes: um ensaio (historiográfico) sobre o setor litoral da Universidade Federal do Paraná. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/8429>>. Acesso em: xxx.

**Correspondência:** Antonio Vicente Marafioti Garnica - [vgarnica@fc.unesp.br](mailto:vgarnica@fc.unesp.br)

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

